

Paulo Mendes Campos



O gol é necessário
CRÔNICAS ESPORTIVAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O GOL É NECESSÁRIO

Paulo Mendes Campos

Crônicas esportivas

Ano de lançamento: 2000



Texto revisto em conformidade com o
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990 que entrou em vigor em 2009.

Sumário

Apresentação
O Botafogo e eu
Adoradores da bola
O gol é necessário
Mané Garrincha
Garrincha
Botafogo dos Botafogos
Salvo pelo Flamengo
Na década de 50
Copa 1958
Círculo vicioso - 1959
Vai da valsa
13 maneiras de ver um canário
Copa 1974
O tempo passa!
Bate-pronto
Descanso de futebol
Acidente em Belô
Pok-Tai-Pok
Pelé passa para Pepe
Atletas
Clichês de futebol
Nostalgia
Poesia é necessária, mas foi frango
Coriscos 93

Apresentação

Paulo Mendes Campos nasceu em Belo Horizonte às duas da tarde do dia 28 de fevereiro de 1922, em pleno carnaval. Por um dia e dois anos escapou de ser bissexto para ser na vida poeta e cronista em tempo integral. Dos nove irmãos, era um dos cinco homens. Passou parte da infância em Saúde, hoje Dom Silvério, onde o pai, médico, fora trabalhar. Mas aos seis anos estava de volta a Belo Horizonte. Concluiu o primeiro grau (antigo ginásio) em São João Del-Rei. Estudou dois anos de Odontologia, um pouco de Direito, outro tanto de Veterinária. Fracassou na tentativa de ser aviador. Diploma mesmo, gostava de brincar, só teve o de datilógrafo. "Devia ter estudado filologia", concluiu quando já tinha passado dos cinquenta Adorava as palavras, a literatura, a máquina de escrever. Seus melhores amigos de Minas - Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino - também. Veio para o Rio em 1945 para conhecer o poeta chileno Pablo Neruda. Ficou. Em 1951 publicou A palavra escrita (poemas), o primeiro de seus quinze livros, sem falar na participação em sete antologias. O último, Trinca de copas, foi publicado em 1984. Além de poemas, traduziu Júlio Verne, Oscar Wilde, John Ruskin, além de contos de Shakespeare. Como não podia viver só de literatura - tinha família para sustentar, a mulher Joan, inglesa, e um casal de filhos - foi repórter, eventualmente redator de publicidade e exerceu cargos burocráticos como o de diretor da Divisão de Livros Raros da Biblioteca Nacional, onde seu pesadelo eram as goteiras. Paulo foi um cético que jamais perdeu a ternura. "São seis os elementos: ar, terra, fogo, água, sexo e morte. Não, são sete: e lirismo." A frase é dele. O niilismo o fazia opaco. O pessimismo, enfadonho. Ceticismo não tem contraindicações literárias. Especialmente quando manejado com tamanha perícia. O extraordinário dom da palavra de Paulo Mendes Campos devassa perplexidades humanas com poesia, prosa de penetrante

originalidade, bom humor e doses benignas e aceitáveis de compaixão. É difícil explicar por que uma literatura de qualidades raras foi tão clamorosamente esquecida. A reedição agora do formidável legado de crônicas e poesias de Paulo Mendes Campos reage a esta insólita omissão.

As suspeitas para o esquecimento recaem primeiro sobre ele mesmo - tinha aversão a tudo que cerca a notoriedade literária. Depois, porque esse finíssimo estilista, que fumava como quem suspirava e bebia para "disfarçar a humilhação terrestre", não fazia concessões ao fácil. Era claríssimo no que escrevia mas seu repertório vocabular e sua escolha de temas carregavam densidade incomum. Uma das mais gratas surpresas de quem revisita a obra de PMC é como o horror à vulgaridade, temática e vernacular, dá perenidade a quase tudo o que fez. É tola qualquer alegação de que PMC tenha sumido na bruma do tempo porque o que escreveu ficou irremediavelmente datado.

O vínculo com o dia a dia de fato pesrega na crônica a pecha de gênero ligeiro, menor. Para não desperdiçar veemência discordando da classificação, é melhor ir direto ao ponto: Paulo Mendes Campos foi grande neste gênero, digamos, menor. Tinha todas as virtudes dos melhores comentaristas do cotidiano: o olhar perspicaz para descobrir o sabor oculto nas miudezas e circunstâncias da vida, humor e ironia refinados e uma destreza para lidar com as palavras decantada em invenção poética. Pertenceu a uma geração de gigantes: Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, além de presenças bissexatas de Manuel Bandeira e Clarice Lispector. Neste time conseguiu ser marcante. Porque escrevia com lucidez cortante servida por erudição fluida. As crônicas foram escritas para a revista Manchete (de longe, o maior lote), para o Diário Carioca, para o Jornal do Brasil e depois reunidas em livros organizados pelo próprio Paulo Mendes Campos. Por que então simplesmente não reeditar O Cego de Ipanema, O Colunista do Morro, Homenzinho na Ventania ou O Anjo Bêbado? São títulos ótimos de esplêndidas crônicas. Mas os livros eram apenas compilações temporais que agrupavam o melhor do que era publicado na imprensa num espaço de dois, três anos. Além disso, estas coletâneas, por várias limitações, deixavam de fora muitas crônicas. Há um fantástico tesouro de inéditas que justifica dividir a empreitada da reedição em nove livros. A mera reedição de livros

que carregavam o peso da contingência devolveria a obra de Paulo Mendes Campos a uma injusta dispersão. Pior: empobreceria o fato de ele ser um escritor de muitas facetas. Escreveu crônicas-ensaios e crônicas- poemas, mas também notáveis crônicas de puro humor. Ou crônicas literárias que revelam a sensibilidade e o bom gosto de um agudo leitor. Cronistas esportivos têm muito a aprender com as esporádicas e brilhantes incursões na grande área deste inspirado botafoguense. Paulo Mendes Campos foi um peculiar observador do Brasil e do caráter brasileiro. Viu Belo Horizonte perder a inocência, a voragem urbana embrutecer o Rio de Janeiro, a modernidade verde-amarela consumir sua fantasia (ou delírio?) em Brasília. Disso resultam crônicas brasileiras. Se é verdade, como disse Jorge Luis Borges, toda a literatura é, no fundo, autobiográfica, as crônicas de Paulo Mendes Campos sobre sua vida, suas reminiscências mineiras, exalam qualidade literária que justifica um volume próprio.

Há crônicas fragmentadas em tópicos, breviário de sensações dispersas que ele sempre intitulou de Caderno Cinzento. Por fim (ou melhor, o começo de tudo) há a poesia. Poemas curtos ou fluviais, com dicção, e ressonância e transcendência que só os melhores têm. Poesias próprias e dos outros. Traduziu excelentes poetas sem medo de contágio. Comum a tudo que fez é o saboroso dom de frasista de PMC. Por isso, todos os volumes desta reedição terão um apêndice com suas melhores frases. Cada uma dessas facetas merece um livro. E terá. Rer Paulo Mendes Campos para organizar a reedição de sua obra é um daqueles prazeres que deveriam constar de crônica, como a que Rubem Braga escreveu, sobre as boas coisas da vida. Coisa boas como um belo dia de sol. Ele diz em "Na Praia", crônica incluída em O amor acaba, primeiro volume desta reedição: "...mereço este dia de praia e de sol, fechado por algum tempo nesta felicidade deslumbrada feita de egoísmo orgânico. Hoje eu não sofreria nem por mim mesmo. Nosso destino é morrer. Mas é também nascer. O resto é aflição de espírito." Aflições, alegrias solares, da janela de sua literatura viu de tudo até "a noite que chegava para engolfar o mundo". A seleção e organização dos livros é tentativa de dar mais sentido a variedade à obra de PMC e debitem-se os erros que ainda assim persistem ao autor desta apresentação. Que nenhum deles prejudique o deleite de ler de novo Paulo Mendes Campos.

Flávio Pinheiro

O Botafogo e eu

Que partilhamos defeitos e qualidades comuns, não há dúvida. Nos meus torneios, quando mais preciso manter os números do placar, bobeio num lance, faço gol contra, comprometo, tal qual o Botafogo, uma difícil campanha. A mim e a ele soem acontecer sumidouros de depressão, dos quais irrompemos eventualmente para a euforia de uma tarde luminosa. Sou preto e branco também, quero dizer, me destorço para pinça nas pontas do mesmo compasso os dualismos do mundo, não aceito o maniqueísmo do bem e do mal, antes me obstino em admitir que no branco existe o preto e no preto, o branco. Sou um menino de rua perdido na dramaticidade existencial da poesia; pois o Botafogo é um menino de rua perdido na poética dramaticidade do futebol. Há coisas que só acontecem ao Botafogo e a mim. Também a minha cidadela pode ruir ante um chute ridículo do pé direito do Escurinho. O Botafogo tem uma sede, mas esqueceu a vida social; também eu só abro os meus salões e os meus jardins à noite silenciosa.

O Botafogo é de futebol e regatas; também eu sou de bola e de penosas travessias aquáticas. O Botafogo é um clube com temperamento amadorístico, mas forçado, a fim de não ser engolido pelas feras, a profissionalizar-se ao máximo; também sou cem por cento um coração amador, compelido a viver a troco de soldo. Reagimos ambos quando menos se espera; forra-nos, sem dúvida, um estofo neurótico. Se a vida fosse lógica, o Botafogo deixaria de levar o futebol a sério, fechando suas portas; eu, se a vida fosse lógica, deixaria de levar o mundo a sério, fechando os meus olhos. O Botafogo é capaz de quebrar lanças por um companheiro injustiçado pela Federação; eu aguardo a azagaia de uma justiça geral. O Botafogo pratica em geral o 4-3-3; como eu, que me distribuo assim em campo; no arco, as mãos, feitas para proteger minha porta; na parede defensiva, meus braços, meu peito aberto, meus joelhos e

meus pés; no miolo apoiador, trabalho com os pulmões e o fígado; vou à ofensiva com a cabeça, a loucura e o coração. Falta um, Zagalo. Em mim, essa energia sem colocação definida é a alma, indo e vindo, indistinta, atônita, sarrafeada, desmilinguido-se até o minuto final. O Botafogo é capaz de cometer uma injustiça brutal a um filho seu, e rasgar as vestes com as unhas do remorso; como eu. O Botafogo põe gravata e vai à macumba cuidar de seu destino; eu meto o calção de banho e vou à praia discutir com Deus.

O Botafogo não se dá bem com os limites do sistema tático; tem que ser como eu, dramaticamente inventado na hora. Miguel Ângelo é botafogo, Leonardo é flamengo, Rafael é fluminense; Stendhal é botafogo, Balzac é flamengo, Flaubert é fluminense; Bach é botafogo, Beethoven é flamengo, Mozart é fluminense. Sem desfazer nos outros, é com eles que eu fico, Miguel, Henrique, João Sebastião. Dostoiévski é botafogo, Tolstoi é flamengo (na literatura russa não há fluminense); Baudelaire é fluminense, Verlaine é flamengo, Rimbaud é botafogo; Camões não é vasco, é flamengo, Garret é fluminense, Fernando Pessoa é botafogo.

Sim, Machado de Assis é fluminense, mas no fundo, no fundo, debaixo da capa cética, Machado, um bairrista, morava onde? Laranjeiras! O Botafogo é paixão, é Brasil, é confusão; Campos Paulo Mendes é paixão, Brasil, confusão. O Botafogo conquistou um campeonato esmagando inesperadamente o Fluminense de 6 a 2; uma vez, enfrentei um dragão enorme e entrei no castelo encantado. O Botafogo, às vezes, se maltrata, como eu; o Botafogo é meio boêmio, como eu; o Botafogo sem Garrincha seria menos Botafogo, como eu; o Botafogo tem um pé em Minas Gerais, como eu; o Botafogo tem um possesso, como eu; o Botafogo é mais surpreendente do que consequente, como eu; ultimamente, o Botafogo anda cheio de cobras e lagartos, como eu. O Botafogo é mais abstrato do que concreto; tem folhas-secas; alterna o fervor com a indolência; às vezes, estranhamente, sai de uma derrota feia mais orgulhoso e mais botafogo do que se houvesse vencido; tudo isso, eu também.

Enfim, senhoras e senhores, o Botafogo é um tanto tantã (que nem eu). E a insígnia de meu coração é também (literatura) uma estrela solitária.

Adoradores da bola

O brinquedo essencial do homem é a bola. Quem ganha uma bola descobre dois mundos, o de dentro e o de fora. Um Psicólogo do futebol imagina a seguinte cena: meninos jogam na rua; a bola sobra para o cavaleiro que passa. Que fará o austero transeunte? Ficará indiferente? Devolverá a bola com as mãos? Já vimos todos nós o que ele irá fazer: o homem, sem perder a gravidade rebate a bola com o pé, aparentemente para prestar um serviço à garotada, mas na Verdade porque não resiste ao elástico e impulsivo prazer de dar um chute. É sempre um grande prazer, uma das coisas agradáveis da vida, dar um chute na bola, sobretudo quando conseguimos colocá-la na meta almejada. O Poeta Rainer Maria Rilke intuiu bem os símbolos contidos na bola e no jogo da bola: a lei da gravidade e a liberdade do voo são valores atuantes da realidade humana. Atirar e agarrar são formas fundamentais do nosso comportamento diante da existência. Antes de Rilke, o educador Fröbel havia escrito: "A esfera é para mim um símbolo da plenitude realizada; é o símbolo de meus princípios fundamentais de educação e de vida, que são do tipo esférico.

A lei esférica é a lei fundamental de toda formação humana verdadeira e satisfatória.

As nossas peladas adultas começaram há mais de vinte anos no quintal dum apartamento térreo em Ipanema. Um flamboaiã jogava de beque central dum lado, uma palmeirinha do outro. O primeiro quase me inutilizou para a prática do velho e violento esporte bretão. Passamos depois a jogar no parque dum laboratório farmacêutico da Rua Marquês de São Vicente, estraçalhando as flores, sim, estraçalhando as flores do nosso jardim da infância, para silenciosa mas indiscutível indignação do jardineiro português.

Um companheiro nosso, zagueiro de recursos, resolveu reservar parte dum loteamento seu na Gávea, onde começou a construir um

campo legal. Foi um deus-nos-acuda. Os amigos dele, distintos homens de negócio, não entendiam nada. O próprio engenheiro das obras fazer um campo de futebol? Os que não entenderam o nosso campo tinham perdido irremediavelmente (danem-se) a infância. A infância é apenas isto: a sensação de que viver é de graça.

Foi duro: quando começamos, os poucos homens sérios que jogavam peladas viviam mais ou menos clandestinos nos altos de Correias e da Tijuca.

Sofremos oposição de todos os setores: o familiar, o profissional e o social. Usaram contra nós todos os instrumentos, contra nós a intimidação médica ("Cuidado com as coronárias!"), a declarada suspeita sobre a nossa integridade mental, o sarcasmo salgado e grosso, as explicações mais ou menos freudianas e as mais ou menos adlerianas. Eram contra nós sobretudo os que haviam amado a bola e não tinham mais a coragem de voltar à delícia da grama. Nós mesmos, por abominável respeito humano, passamos a inventar as desculpas que fossem tranquilizando os outros. Dizia um: a pelada é um pretexto para a cervejinha estupidamente gelada. É bom um pouco de exercício, dizia outro. O organismo foi feito para fazer força. Os cardiologistas sabem que o coração anda sobre as pernas. Também eu, com pusilanimidade, escrevi por aí que estávamos correndo atrás dum restinho de infinda - o que é apenas parte da verdade.

A verdade integral é a bola. O futebol paixão. Esse amor que faz um homem de quarenta e tantos anos sofrer o sono da fadiga para rememorar em câmara lenta o gol de cobertura que fez pela manhã.

Futebol divide os homens como o álcool: há os que jogam moderadamente na adolescência, sem muito gosto, só para passar o tempo e desentorpecer a musculatura; aos que jogaram com algum fervor e esqueceram de todo o passado; existem afinal os alcoólatras do homens que adoram a Bola como os fenícios adoravam Baal.

Esses últimos são capazes de horrores: trocam a repousante feijoada na casa do melhor amigo por um arranca-toco em Curicica. Trocam tudo, o casamento da sobrinha, a festa de mulherio farto, o enterro da avó, e até o encontro que o finado Raimundo chamava Conheço um que voou de Paris para Roma a fim de pegar o avião que o depositasse no Rio a tempo de apanhar nosso torneio dominical. Outro, convidado para apadrinhar um casamento em tarde de sábado, foi rude porém sincero, colocando a noivinha nesta sinuca:

um presente de duzentos no sábado ou um cheque de mil se o casamento fosse transferido para outro dia da semana. Um terceiro dava um vestido caro à mulher (a própria), contanto que ela o deixasse agarrar no gol no fim de semana, em vez de subir para as elegâncias de Petrópolis.

São assim os veteranos, irremovíveis.

Às vezes, línguas más dizem que estamos fazendo o vestibular para o Asilo São Luís. Pouco nos importa. Estejam todos certos de que levaremos uma bola para o pátio do asilo.

O Gol é necessário

No futebol, o gol é o pão do povo. Quando dava gol em nossos campos, o torcedor pegava o seu pão no estádio aos gritos de contentamento e ficava a saboreá-lo com os amigos durante uma semana. A gestação do gol era tão séria que os jornais publicavam nos d O torcedor não mudou, continuando como sempre com fome de gol: mudou o futebol. Vai-se tornando avaro esse esporte, pois, vivendo à custa do consumidor, nega a mercadoria pela qual este paga, não à vista, mas antes dever: gols. O homem da arquibancada, s único homem gol, pois o presidente do clube, os vice-presidentes, o tesoureiro, os conselheiros, o diretor de futebol e seus parentes, os beneméritos, o técnico, o médico, o massagista, o roupeiro, todos eles se batem com unhas, dentes e risquinhos no quadro-negro pelo futebol das trincheiras, à base de contra-ataques, O futebol sem a mancha do gol, amarrado, aferrolhado, no qual os jogadores não devem jogar propriamente, mas construir um muro onde a bola chutada pelo adversário repique e retome: uma nova modalidade da pelota basca com frontão.

O técnico não precisa, e nem é aconselhável, entender de futebol: preferível que seja um duro mestre pedreiro, capaz de construir em campo o muro que impeça a bola de passar. Os jogadores, reduzidos à condição de tijolos e reboco, não precisam ter habilidade: preferível que sejam uns manguarões quadrados, limitando com abundância de espaço material as possibilidades de penetração da bola E assim, após cada jogo, babam-se de vaidade ao microfone os generais dessa batalha sem tiros: o time que eles comandam ganhou de 1 a 0, ou só perdeu de 1 a 0 ou o resultado ficou num zero a zero oco, demonstrando que o futebol moderninho atingiu o máximo da perfeição negativa: o marcador em branco, o plano da alimentação popular sem alimento, o jardim sem plantas, o viveiro sem passarinhos, o véu da noiva virginalmente alvo.

Quando o futebol começou, o goleiro ficava em solidão debaixo dos paus e dez eufóricos iam para a frente mandar brasa. O bom senso descobriu os zagueiros, acabando com essa guerra campal; mais tarde, o centromédio, que era um sexto atacante, recuou para ajudar mais a defesa; foram os australianos, dizem, os primeiros a transformar um atacante em defensor; os suíços, de pouca intimidade com objetos redondos, criaram em 1950 o famoso ferrolho, revelando aos boquiabertos dirigentes do mundo esportivo que um time medíocre pode endurecer uma partida desigual e perder de pouco. Aí, a aritmética defensiva começou a pular na cabeça dos matemáticos do futebol: o 4-2-4, o 4-3-3, o 4-4-2, o 5-4-1, o 5-5-0...

Há cerca de dez anos, os húngaros abandonaram a equação defensiva e organizaram um conjunto ofensivamente elástico, que, deixando o campo vencedor de 6 a 4, 7 a 3, e outros resultados generosos, ensinou de novo ao mundo que o gol é a alegria do povo.

Pouco depois o Santos fazia a mesma coisa, e deixou de ser apenas o clube de Vila Belmiro para virar o clube à parte no carinho de todos os brasileiros fiéis ao futebol produtivo mas bonito.

Mané Garrincha

Quando ele avança tudo vale. A ética do futebol não vigora para Mané. O fair-play exigido pelos britânicos é posto à margem pelos marcadores, pelos juízes, pelas torcidas. Regras do association abrem estranhas exceções para ele. Uma conivência complacente se estabelece de imediato entre o árbitro e o marcador, o primeiro compreendendo o segundo, fechando os olhos às sarrafadas mais duras, aos carrinhos perigosos, aos trancos violentos, às obstruções mais evidentes. Quando esses recursos falecem, o marcador em desespero, sem medo ao ridículo, agarra a camisa de Garrincha.

Aí o juiz apita a falta, mas sem advertir o faltoso: o recurso é limpo quando se trata de Garrincha. "todos os jogadores do mundo", ensina o professor Nilton Santos, "são marcáveis, menos seu Mané. Mané em dia Mané só com revólver." Nilton é o mais consciente dos fãs de Garrincha, costumando dizer que, se ainda jogou futebol depois dos trinta anos, foi por ser do mesmo time de seu Mané.

Quando Garrincha apareceu para treinar em General Severiano, a diretoria andava louca atrás dum ponta-direita. Nilton Santos, um pouco por comodismo, outro tanto por humorismo, marcava os candidatos à posição no grito. O ponta pegava a bola e, antes de conseguir dominá-la, já sabendo que andava por ali o melhor zagueiro do mundo, ouvia o grito: "Oi!". Bastava para que a bola lhe fugisse, sobrando para pés afoitos a trabalhá-la.

Uma tarde apareceu para treinar um menino de pernas tortas. Já no vestiário o técnico Gentil Cardoso, rindo-se, chamara a atenção de todos para o candidato: aquele sujeito poderia ser tudo na vida, menos jogador de futebol. Começado o treino, lá pelas tantas uma bola sobrou para Garrincha. Nilton proferiu o grito de costume, mas o menino torto matou a bola com facilidade e ficou esperando. Ferido pela ousadia, Nilton partiu para cima do garoto com decisão. (Já joguei contra ele: é uma extração rápida e sem dor.) Talvez

naquele momento estivesse em jogo não só a bola, mas o destino de Garrincha. Se Nilton o desarmasse e lhe aplicasse como corretivo à petulância duas ou três fintas, Gentil Cardoso não esperaria muito para enviar o novato sem jeito para o chuveiro. Apesar desse perigo, e a despeito de estar enfrentando um jogador da mais alta categoria, Mané escolheu o caminho da porta estreita: driblar Nilton Santos. Talvez pensasse: ou dou uma finta neste cobra ou volto para o trabalho mal pago da fábrica.

Só três vezes em sua carreira Nilton levou drible entre as pernas: a primeira foi ali naquele instante. A turma que não perde treino ficou boquiaberta; o lance não consagrou o estreante, mas abriu um crédito de curiosidade para Garrincha.

Quem levou Garrincha para o Botafogo foi Arati, depois de apitar uma partida em Pau Grande, 3º distrito do município de Magé. Tendo começado a chutar bola aos dez anos de idade, Garrincha não teve outro clube além do Pau Grande Futebol Clube e o Botafogo. Apesar de sua modéstia inacreditável, duas vezes seu Mané, aconselhado pelos outros, desconfiou que tinha futebol suficiente para tornar-se profissional. Uma tarde bateu em São Januário. Era então o Vasco um quadro de craques experientes, cobertos de glória, uma espécie de Academia de Futebol, sem perspectiva para estreantes. Garrincha uniformizou-se, mas não chegou a ser apresentado à bola vascaína. Meses depois foi parar no Fluminense, conseguindo treinar meio tempo, já na hora da penumbra e do cansaço de Gradim, o técnico, que não deu pelo acontecimento que passou à sua frente.

No Botafogo Garrincha estreou na mesma semana em que apareceu, jogando no time de baixo. No domingo seguinte, a dramática torcida botafoguense via entrar em campo aquele extrema de pernas desajeitadas. Há coisas que só acontecem ao Botafogo, resmungaram Bonsucesso.

Já antes do término do primeiro tempo, Manuel Francisco dos Santos tomava conta da posição, correndo como um potro, batendo na bola com segurança, fintando com estilo próprio, cobrando escanteios dos dois lados, sendo que do lado esquerdo a bola descrevi euclidiana e pelos arqueiros.

Em suma, apareceu feito, praticando um futebol pessoal e desconcertante, ao qual só falta o dom da cabeçada.

Não quero ser modesto em matéria de futebol: descobri de imediato esse mundo novo - Garrincha - com a intuição alvoroçada de todas as alegrias que dele me viriam.

Senti Garrincha e Pelé à primeira vista. Esse orgulho ninguém me tira.

Transformado em ídolo duma parte da torcida alvinegra (os eternos bobocas continuavam a negá-lo), Mané seria um dos artilheiros do campeonato de 1953 e, sem dúvida, a revelação do ano. Sob pseudônimo, escrevi para a Revista da Semana uma reportagem, lembrando que o ponta botafoguense deveria pelo menos ser convocado para os treinos da seleção brasileira que iria disputar na Suíça a Copa do Mundo de 1954. Zezé Moreira não tomou conhecimento nem de minha reportagem, nem de Garrincha.

Fomos eliminados no jogo contra a Hungria, após uma campanha de classificação sem brilho e sem brio.

Há pouco tempo, um amigo meu, tricolor cordial, perguntou a Garrincha se era verdade que o clube dele era o Fluminense. Não, sempre tivera mais inclinação pelo Botafogo mesmo. "Mas um repórter", replicou o outro, "escreveu que você lhe confessou ter lhe pedido o favor de poder divulgar essa mentira, pois dependia dum furo esportivo para continuar no emprego.

Schíafino empatava para os uruguaaios, um tiz e a trave, Garrincha derrubava com um tiro uma outra garrincha.

Sim, foi um desastre de trem, o trem chamado Brasil descarrilou ao entrar na estação terminal; todos os brasileiros saíram gravemente feridos, menos Manuel Francisco dos Santos, o caçador que oito anos mais tarde arrasaria o plano quinquenal soviético por uma perna.

O caçador que doze anos mais tarde traria de novo para o Brasil a Copa Jules Rimet.

Um dia é da caça, outro do caçador. Nas horas vagas, seu Mané caça; nas horas de trabalho, é caçado. Foi caçando que ganhou o apelido de Garrincha com um N que o Aurélio não registra, mas que é também uma forma popular de designar a garricha ou garriça, isto é, das cavernas.

Desde que a gente se coloca no próprio espaço, não reflete mais. Se tivesse que escolher os pensamentos que mais me instruem sobre o mundo e a vida, esse aforismo dos cadernos do pintor Georges Braque entraria na minha lista. A frase me vem muito à lembrança

quando espio o fenômeno Garrincha. Não há paraíso terrestre melhor do que executar uma ação dentro do espaço que lhe é próprio. Não refletir mais, livrar-se da inteligência. Criar uma ação por uma fatalidade fácil. Dentro do nosso espaço.

A alegria do futebol de Garrincha está nisso: dentro do campo, ele se integra no espaço que lhe é próprio, não reflete anais, não perde tempo com a vagareza do raciocínio, não sofre a tentação dos desvios existentes no caminho da inteligência. Como um bailarino atrelado ao ritmo, Garrincha joga futebol por pura inspiração, por magia, sem sofrimento, sem reservas, sem planos. O futebol requintadamente intelectual de Didi é sofrido e sujeito a todas as falhas do intelecto. Garrincha, pelo contrário, se suas condições físicas estão perfeitas, se nada lhe pesa na alma, é como se fosse um boneco a que se desse corda: não reflete mais. Garrincha é como Rimbaud: gênio em estado nascente. Se um técnico desprovido de sensibilidade decide funcionar como cérebro de Garrincha, tentando ser a consciência que lhe falta, isto é, transmitindo-lhe instruções concretas, lógicas, coercitivas, pronto - é o fim. O grande mago perde a espontaneidade, o espaço, o instinto, a força. Em vez do milagre, que ele sabe fazer, ensinam-lhe a fazer um truque sensato. Não pode haver maior tolice.

João Saldanha sabia que não há instrução possível para Garrincha. Se a virtude do Mané nada tem a ver com a lógica, não será através da lógica que lhe corrigiremos os possíveis defeitos. E defeitos e virtudes não são partes que se possam isolar em Garrincha por linhas tortas. Suas pernas são os símbolos desconexos dessa ilocidade criadora.

O jornalista Armando Nogueira tem uma teoria muito boa sobre o drible de seu Mané, apesar de Mário Filho não concordar com ele e comigo. "O drible", diz Armandinho, "É, em essência, fingir que se vai fazer uma coisa e fazer outra; fingir por exemplo que se vai sair pela esquerda, e sair pela direita. Pois o Garrincha", conclui o comentarista, "É a negação do drible. Ele pega a bola e para; o marcador sabe que ele vai sair pela direita; seu Mané mostra com o corpo que vai sair pela direita; quando finge que vai sair pela esquerda, ninguém acredita: ele vai sair pela direita; o público todo sabe que ele vai sair para a direita; seu Mané mostra mais uma vez que vai sair pela direita; a essa altura, a convicção do marcador é garantida: ele vai sair pela direita; Garrincha parte e sai pela direita.

Um murmúrio de espanto percorre o estádio: o esperado aconteceu, o antônimo do drible aconteceu.

Descobri há tempos uma graça espantosa nessa finta de Garrincha: às vezes o adversário retarda o mais possível a entrada em cima dele, na improvável esperança duma oportunidade melhor. Garrincha avança um pouco, o adversário recua. Que faz então? Tenta o suficiente para encher de cobiça o pobre João. João parte para a bola de acordo com o princípio de Nenê Prancha: como quem parte para um prato de comida. Seu Mané então sai pela direita.

Garrincha

Logo depois da Copa de 58, pensei em escrever um livro sobre Garrincha.

Através de Sandro Moreira, eu o procurei num treino do Botafogo, e ele concordou com o plano, convidando-me, para início de conversa, a almoçar em sua casa, em Pau Grande, daí a dois Me perguntou logo se eu gostava de angu à baiana, e não precisei mentir por delicadeza: adoro angu à baiana. Acrescentou com um sorriso contente que ele mesmo se encarregaria de fazer a batida de limão. E arranjaria cervejinha bem gelada. Conforme combinado, passei de manhã no clube, depois do individual, e Mané veio me pedir desculpas: não haveria almoço, sua senhora estava doente, ficava para outro dia. Sandro começou a rir quando lhe contei a história. Doente coisa nenhuma! Na verdade, quando Garrincha disse em casa que tinha convidado um escritor para comer um angu à baiana, sua senhora protestou, ele agira mal, escritor deve comer galinha ao molho pardo. Digo de passagem que o livro não morreu por causa da galinha, mas porque, como todos sabem, Garrincha é o mais perfeito driblador da história do futebol. Eu não tinha saúde para marcá-lo.

Era a própria candura. Todo mundo, em todas as profissões e fora das profissões, sonha com a candura como um bem supremo. Mas somente Mané Garrincha e uns poucos ungidos nasceram e cresceram com essa pureza, com essa espontaneidade inalterável. Nunca houve homem famoso menos mascarado, menos cômico de sua importância. Algumas pessoas, à custa de autodomínio, conseguem isso. Mas a Garrincha não custava nada. Ele era desimportante sem saber que o era. E era também perfeitamente espontâneo - e isso é ainda mais raro de se achar - ao receber alegremente a glória e o carinho do povo.

Cândido mas não ingênuo. Pelo contrário, Mané é, antes de tudo, um astuto. Dentro e fora do campo. A qualidade ardilosa de sua

inteligência - tão comum, aliás, em nosso homem do interior - pode ser imediatamente notada em um detalhe: Mané fala errado, à falar corretamente cometeria erros involuntários.

Na fábrica de tecidos, em Pau Grande, Garrincha não vivia sonhando com a glória. Sonhava com as horas de folga, quando podia caçar passarinho ou jogar pelada. Era por natureza alegre e brincalhão. Quando o Brasil perdeu a Copa para os uruguaiois, em 1950, da noite, levou um susto tremendo: tinha tanta gente chorando pelas ruas que ele imaginou logo ter acontecido um daqueles terríveis desastres de trem, com dezenas de mortos. Só ficou tranquilo quando soube que o motivo da choradeira era futebol. Ora, chorar por causa de jogo de futebol, onde já se viu! Era centromédio do time local e driblava noventa minutos por partida.

Instado pelos outros, procurou o Vasco da Gama. Um lugar modesto de aspirante era de qualquer forma melhor do que o trabalho da fábrica.

Vestiu o uniforme, mas não chegou a entrar em campo. Tempos depois, conseguiu jogar um pouco num fim de treino do Fluminense: Gradim, o técnico, não viu nada. Arati, jogador do Botafogo, apitou uma partida em Pau Grande e levou Garrincha para General Severiano.

Na primeira semana, jogou na extrema direita dos aspirantes. Na segunda, estreou no time de cima contra o Bonsucesso, marcando três gols, um deles de escanteio, direto. Seu futebol fugia aos padrões conhecidos e ele foi, no início, classificado entre os dão certo; logo que alógica volta a prevalecer, rua. Apesar de ter jogado sempre a mesma enormidade, a aceitação de Garrincha foi demorada. Quando os botafoguenses já diziam que ele era um craque, as outras torcidas duvidavam: aquilo é um maluco.

Em 1954, escrevi uma reportagem sobre ele, especialmente para pedir a Zezé Moreira que, pelo menos, o experimentasse entre os convocados do escrete brasileiro.

O técnico não deu bola e o Brasil fez feio na Suíça. Em 1958, vai no selecionado, mas como reserva de Joel, jogador da particular confiança técnica de Feola. Apesar de ter feito misérias no jogo amistoso contra o Fiorentina, apesar de estar na cara o mil mudaram seu destino. E o nosso Didi, Nilton e Bellini conseguiram convencer os dirigentes que o Brasil não venceria a Rússia sem Garrincha. O resto todo mundo sabe.

Botafogo dos Botafogos

Eu me assentarei nas arquibancadas para sofrer noventa minutos; mas a sua vitória será doce como os frutos. A sua ala esquerda pode desferir chutes indefensáveis, e a sua ala direita é mais insinuante do que o vento.

Eu vos conjuro, botafoguenses de todo o Brasil, a comparecer ao Maracanã; pra o que der e vier; aquele é o Garrincha, ei-lo que vem como um cabrito montês, saltando os obstáculos; eis que entra na área adversária, causando um pânico formidável.

Se o Botafogo entrar bem, eu andarei pelos bares da praia até que assopre o dia e declinem as sombras: jardim fechado será a sua defesa, jardim fechado, fonte selada; Nilton Santos é como o aquilão, assoprando de todos os lados; e muito difícil será contê-lo. Dorme, Adalberto, ele velará o seu sono.

Eis que é Didi batendo à porta do adversário, e dizendo: "Abre, Castilho, sou eu"; e a sua folha-seca será bonita como um exército carregado de bandeiras; o Botafogo entrou por uma fresta e as entranhas do Fluminense estremeceram.

Os tricolores fecharam a porta com um pesado ferrolho; mas o Botafogo já tinha se ido, e era já passado a outra parte.

O meu time é alvo e negro, e possui uma estrela solitária. Suas vitórias são melhores que o vinho; seus campeonatos são como a mirra preciosa. O Botafogo desceu pela direita, terrível como um exército ordenado; nem todos os cacás do mundo terão forças para detê-lo; quem é este que avança pelo centro como um leão esfomeado? E eis que é o Paulinho abrindo a marcação dos contrários como um leão esfomeado; põe o teu selo sobre a leiteria, para que as gerações pronunciem o teu nome com respeito.

P.S. - Trecho de uma "crônica" ruim e nervosa que saiu publicada na manhã de 21 de dezembro de 1957 no Diário Carioca. Ruim, porém profética: no fim da tarde, o Botafogo era o campeão carioca,

tendo vencido o Fluminense de 6 a 2, 5 gols de Paulinho Valentim e 1 de Garrincha.

Salvo pelo Flamengo

Desde garotinho que não sou flamengo, mas tenho pelo clube da Gávea uma dívida séria, que torno pública neste escrito. Em 1956, passei uma semana em Estocolmo, hospedado em um hotel chamado Aston. Era primavera, pelo menos teoricamente, havia um congresso internacional na cidade, os hotéis estavam lotados, criando contratempos para turistas do interior ou estrangeiros. A recepção do Aston, por exemplo, vivia sempre cheia de gente implorando por um quarto ou discutindo a respeito de uma reserva feita por telegrama ou telefone.

Estava há dois ou três dias na cidade, quando me pediram para receber um brasileiro e encaminhá-lo ao hotel, onde lhe fora reservado de fato um apartamento. Era uma hora da madrugada quando entramos no hotel e me encaminhei até o empregado do balcão, dando-lhe o nome do meu amigo e lembrando-lhe a reserva. O funcionário, homem de uns sessenta anos e de uma honesta cara escandinava, tomou uma atitude estranha e difusa, que a princípio me surpreendeu e ia acabando por me indignar: ele não confirmava a existência da reserva, nem deixava de confirmar. Como começasse a protestar, vi que seu rosto tomava uma expressão aflita; eu entendendo cada vez menos. Quando passei a exigir o apartamento com alguma energia, o homem, trêmulo, nervoso, pediu-me desculpas e trouxe afinal a ficha de identificação. Foi aí que vi levantar-se da penumbra de uma saleta contígua o gigante.

Se o leitor conhece um homem forte, muito forte mesmo, imagine uma pessoa duas vezes mais forte, e terá uma ideia desse gigante que veio andando até nós, botando ódio pelos olhos e espetacularmente bêbado. O monstro passou por mim com desprezo e, agarrou um sueco. Às vezes, éramos arrolados nessa invectiva, pois o gigante nos apontava enquanto dizia coisas. O empregado, demonstrando possuir um bom instinto de conservação, deixava-se sacolejar à

vontade. Rosnando, o ciclope foi sentar-se de novo na saleta, onde só então dei pela presença de outro sujeito, também bêbado, mas sinistramente silencioso.

É hoje, pensei. Sair do meu Brazilzinho tão bom, fazer uma viagem imensa, para ser trucidado sem explicação por um bêbado. O fato de ser na Suécia, onde arbitrários atos de violência não são comuns, ainda tornava mais absurdo, um absurdo existencialista, o meu triste fim.

Indaguei do empregado o que se passava. Ficou mudo. Insisti na pergunta, e ele, sussurrando desamparadamente explicou-me que o gigante estava a pensar primeiro, que não conseguira vaga no hotel por ser sueco e estar embriagado; segundo, que nós conseguíramos por ser americanos, norte-americanos. Ora, se meu amigo de fato era meio ruivo, seu jeitão era mineiro; quanto a mim, se fosse americano, só poderia ser filho de portugueses. Por outro lado, o meu inglês amarrado não deixava a menor dúvida sobre a questão de ser ou não ser americano. Só mesmo um sueco bêbado em uma madrugada de neve e vento iria supor que fôssemos americanos. Mas agora era o próprio gigante que bradava para nós com sarcasmo e ira: - American! American! Fiquei um pouco mais esperançoso, acreditando que ele falasse inglês, e disse-lhe, exagerando minha alegria e meu orgulho por isso, que não éramos americanos coisa nenhuma, éramos brasileiros.

Não entendeu ou talvez pensou que estivéssemos covardemente a renegar a nossa pátria, voltando a vociferar, em um esforço linguístico que contraía todos os músculos de seu rosto: - American! Dollar! No like! As palavras em si significavam pouco, mas a maneira de exprimi-las era de uma eloquência que teria destruído Gatuna muito mais depressa que os discursos de Cícero.

Durante alguns minutos mantivemos os dois uma polêmica oratória nestes termos: - American! - No, Brazilian! - American! - Brazilian! Essa versátil discussão ia levar-me ao abismo, quando de súbito me pareceu que a palavra "Brazilian" havia penetrado por fim em sua testa granítica. Descontraindo os músculos, o gigante me perguntou: - Brazil?! No American? Brazil? Não tinha certeza se ele estava me gozando, mas sua expressão era tão estranhamente deslumbrada e infantil que afirmei cheio de entusiasmo: - Yes, Brazil! Ele se levantou, cambaleou, aproximou-se, apontou meu amigo: - Brazil! - Brazil, Brazil.

Veio chegando, sorrindo, em pleno estado de graça, e gritou com alma, como se saudasse o nascimento de um mundo novo: - Flamengo!! Flamengo!! Imediatamente, o gigante entrou em transe e começou a fazer problemáticas firulas com uma bola imaginária, mas dando a entender cabalmente o quanto ele admirava (admirava é pouco: o quanto ele amava) o malabarismo dos nossos jogadores. O gigante parou e confessou-me com um orgulho caloroso: - I flamengo! I Rubens! Ele não era sueco, não era gigante, não era bêbado, não era um ex-campeão de hóquei (conforme soube depois), era Flamengo, era Rubens.

Depois cutucou-me o peito, tomado de perigosa dúvida: - You! Flamengo? Que o Botafogo me perdoe, mas era um caso de vida ou de morte, e também gritei descaradamente: - Flamengo! Yes! Flamengo! The greatest one!

Na década de 50

Está ficando em moda uma linguagem dos cronistas esportivos, que é coisa mais preciosa e mais "psicológica" que se possa imaginar. Escrevem mais ou menos assim: "O juiz trilou o apito com energia e o prélio começou com este desencanto próprio dos minutos suas ações com espírito e economia de forças. A ofensiva do Vasco interferia com autoridade, ainda que se ressentisse de leveza nas infiltrações pelo flanco esquerdo, onde avultava, morosa e viril, a personalidade de Ipojucan. A Portuguesa se articulava com mestria e inspiração, em uma progressão técnica mais aritmética do que geométrica, sugerindo a irredutibilidade de seu reduto. De modo geral, o padrão de jogo nesses instantes era elevado, estratégica e moralmente, quando veio, inesperado e patético, o tento de Julinho. Deu-se, naturalmente, um nervosismo, comprometedor para um cotejo dessa estatura, nas hostes da Cruz de Malta. O relógio escoava implacável. Mais seguro de seus efeitos, em lances subjetivos, a Portuguesa, com a inabalável e empolgante superioridade de um tento, bem evidente no marcador, onde fulgia o sol tropical, dominava as situações herméticas e se impunha amplamente, com ímpetos louváveis. Os de São Januário, com a defesa cheia de afirmações positivas, mas com a vanguarda dispersiva e anódina, perdiam a lucidez imprescindível às jogadas. Os cruz-maltinos, em uma palavra, quedavam-se parcimoniosos. Foi quando interveio, sacrificando a beleza olímpica da pugna, o lamentável incidente Pinga-Eli, ainda que temperado no calor da ação."

Copa 1958

Antes de 1958, Ari Barroso implicava muito com o futebol do Garrincha.

Dum episódio característico me lembro muito bem. Ari transmitia na tevê um jogo do Botafogo e dizia pausado: "Garrincha com a bola. Vai driblar.

É claro. Vai driblar de novo. Vai perder a bola. Olha ali, um saçarico pra cá, outro pra lá. Garrincha passa pelo adversário. Assim também não é possível. Vocês estão vendo? Garrincha vai driblar de novo. Vai perder. Por que ele não centrou logo? Claro que vai perder. Gol de Garrincha." A última frase veio seca e mal-humorada: também o Mi fora driblado lá na tribuna.

Principalmente por causa de Garrincha, ele e eu pegávamos discussões animadíssimas, que não só acabavam alegremente: já eram entremeadas de brincadeiras. Uma vez, no aceso da paixão, apelei para a linha dura e lhe disse a sentença fatal: "Você não entende nada de futebol!" Mi, apanhado de surpresa, achou engraçadíssima minha (falsa) opinião e ficou sacudido por tremores de riso durante mais de meia hora.

Aí veio a Copa da Suécia. Ouvi as irradiações num bar de Ipanema na companhia de amigos. Ari ainda não dera as caras. João Condé, tendo aparecido apenas no jogo com a Inglaterra (o a o), fora proibido de voltar. Terminada a partida com os suecos... Bem, não é difícil imaginar. Um senhor desconhecido, que ouvira o jogo a suar frio e extremamente pálido, como se fora ao vivo a descrição do Apocalipse, continuava em transe, hirto e bestificado, enquanto a turma o arrastava como um robô pela dança carnavalesca e enfiava-lhe pela boca paralisada grandes goladas de uísque. Darwin Brandão parou o bonde no peito e ofereceu uísque a motorneiro, condutor e passageiros. Os dois primeiros desceram para a confraternização, mas recusando a bebida: já vinham do Bar Vinte com uma garrafa de

pinga. Mal terminado o jogo (tudo acontece em Ipanema), surgiu também no bar uma duquesa da França.

Uma duquesa no duro, dessas que ainda têm castelo, e cujos antepassados foram protegidos ou perseguidos por Luís XI. Chegara há pouco tempo da França e não falava português. Mas o repórter Nestor Leite, também conhecido por Boca Negra, há muitos anos que "tribo" na Amazônia e se instalou no Rio. Nestor entendeu perfeitamente o que a duquesa dizia: tinha torcido pela França, évidemment, évidemment... Tendo a França perdido, passara a torcer pelo Brasil, évidemment... Nestor abraçou a duquesa com uma ternura derramada de gratidão e comandou imediatamente uma champanha. A duquesa afirmou com veemência que preferia um chope, e todos nós acreditamos, menos o Nestor. Veio a champanha, muito nacional e meio morna, sempre sob os protestos da elegante e simpática duquesa.

Não sei se o leitor se lembra duma fabulosa champanha que jorra numa cena do filme *Les Enfants du Paradis*. Pois a do Nestor foi muito mais fabulosa: jorrou com uma força de jato de poço de petróleo, e inundou os cabelos tratados, o vestido de seda, a alma nobre da duquesa. Foi uma festa. Raimundo Nogueira, Haroldo Barbosa e Fernando Lobo tinham fugido da raia, por prudência de ordem coronária, e pescavam sem rádio na Barra da Tijuca. Ouvindo o foguetório, vieram em desabalada para Ipanema. Invadiram o bar com quilos de talco (reminiscência do carnaval pernambucano).

Uma cortina branca envolvia tudo e todas as pessoas quando ouvi uma voz que vinha da porta a clamar meu nome e sobrenome. Era o Ari, que continuou à porta gesticulando.

Atenuada a cerração de talco, vi que a sua expressão era dessa rara plenitude que limpa do rosto humano o desencanto, a decepção, o medo.

Ainda na porta, ele gritava para mim, escandindo as sílabas a seu modo: - Estou aqui para penitenciar-me! É o maior! É o maior! Que beleza, meu Deus! Que beleza! O Garrincha é o maior gênio que já houve neste país! Que beleza! Que beleza!!

Círculo vicioso - 1959

Bailando sem jogar, gemia o Macalé: - "Quem me dera que fosse o preto Moacir, Que vive no Flamengo, estrela a reluzir!" Mas a estrela, fitando em Santos o Pelé: - "Pudesse eu copiar o bom praça de pré, Um cobra que jamais encontrará faquir, Sempre a driblar, a ir e vir, chutando a rir!" Porém Pelé, fitando o mar sem muita fé: "Ah se eu tivesse aquela bossa de tourada Que faz de qualquer touro o João de seu Mané!" Mas o Mané deixando, triste, uma pelada: - "Pois não troco Pau Grande por Madri, Pelé, E mesmo o Botafogo muito já me enfada..."

Por que não nasci eu um simples Macalé?"

Vai da valsa

(Versos ingênuos; mas sinceros, que um jogador envia, por nosso intermédio, aos dirigentes de futebol que obrigam os profissionais a disputar as partidas mais saias do campeonato num calor selvagem.) Domingo, no jogo, que cansa, na dança do fogo, ficaste de longe, bebendo gelado, sorvendo sorvete, jogado ao tapete moderno, defronte a tele visão; mas eu no inferno, na chama da grama, o craque, basbaque, driblava, suave, corria, sofria, mais que um cão.

Quem dera que sintas as dores, calores que nunca sentiste! Quem dera que sintas! Não negues, não mintas... - Fugiste! Te digo que luto, que chuto, que passo, que faço, me esbaldo me esqueço me escaldo; te digo que brigo sem brisa, sem bicho, disputo capricho só por amor; mas queres que finto, requebre, requinte, me bata, rebata, que marque, que volte, que corte, que chute, dispute com este calor!? Quem dera que sintas as dores, calores, que nunca sentiste.

Quem dera que sintas! Não negues, não mintas - Fugiste! Queria, cartola, te ver sem tevê, na chama da grama, batendo na bola, correndo, gemendo, suando, gritando de espanto com tanto calor! Um só minuto que fosse, se tanto, queria te ver! Ah pobre cartola, rebola no fogo do jogo da bola! Eu juro, que logo suado, cansado, gritavas por tua mamã: quem dera que jogues fumando charuto só esse minuto no Maracanã!

13 maneiras de ver um canário

I Gilmar, quando Deus é servido, come um frango psicanalítico por partida.

Depois tranquilo tranquilo, fecha a porta do inferno.

II Vê Djalma Santos, indo e vindo, saltando, disparando, correndo, chutando, cabeceando, apoiando, defendendo, corrigindo, mudando, às vezes, inexplicavelmente, até sorrindo em seu combate.

Vê Djalma Santos e reconhece logo: ele acredita em Deus, é um servo de Deus, um lateral direito de Deus.

III Mauro afirma em Marden, Samuel Smile, na força da vontade, na vontade da força, na constância do caráter, na vitória suprema da coragem, e em todos os sentimentos de aço, que eu, por exemplo, não li.

IV Nilton Santos confia na bola; a bola confia em Nilton Santos; Nilton Santos ama a bola; a bola ama Nilton Santos.

Também nesse clima de devoção mútua não pode haver problema.

V O povo disse tudo: antes Zózimo do que mal acompanhado.

VI Zito é mensageiro de dois mundos: o da vida, na área adversária (onde residem os mistérios gozosos) e o da morte, na área do coração brasileiro (onde residem os mistérios dolorosos).

Zito ziguezagueava zunindo para o Norte. Zito ziguezagueava zunindo para o Sul.

VII Como o poeta limpando as lentes do verso, como o microscopista debruçado sobre o câncer, como o camponês a separar o joio do trigo, como o compositor a perseguir a melodia, o futebol de Didi é.

É lento, sofrido, difícil, inspirado, idealista.

Eis um homem que quase achou o que não existe: perfeição.

VIII É pela cartilha da infância que se joga futebol.

Garrincha vê a ave. Garrincha voa atrás da ave.

A ave voa aonde quer.

Garrincha voa aonde quer atrás da ave.

O voo de Garrincha-ave é a chave, a única chave.

E um bando de homens se espanta no capim.

IX Vavá não crê, Vavá confere, Vavá vai ver.

Zagueiro faz escudo das traves da chuteira: Vavá vai ver.

Goleiro faz maçã medieval do osso do joelho: Vavá (de Pernambuco) vai ver.

Para o que der e vier, Vavá vai ver.

X Há uma dramaticidade em Pelé que eu não me consinto adivinhar.

Como Cristóvão Rilke, Pelé tem um canto de amor e de morte.

Como Cristóvão Rilke, Pelé é o porta-estandarte.

Como o de Langenau, Pelé está no coração das fileiras mas está sozinho.

XI E eis que um jovem disse: "Quando vinha acaso um leão ou urso e levava um carneiro do meio do rebanho, eu corria após eles e os agarrava e os afogava e matava; o mesmo que fiz a eles, farei a este filisteu." E foi assim que Davi-Amarildo liquidou Golias-Fúria com duas pedradas de sua funda.

XII Minuto por minuto, durante 540 minutos, Zagalo cumpriu o seu dever.

XIII Olhei por fim o XIII canário e era o brasileiro anônimo da rua, do mato, do mar, o coração batendo, bicampeão do mundo.

Copa 1974

Em Ipanema: na missa marcada para uma hora antes do jogo do Brasil, o vigário começou a fazer sua prédica. Viu-se logo que gostava da própria voz e foi encompridando um sermão que todos desejavam breve. Os fiéis (e muitos só frequentam a igreja em dia de jogo do Brasil) remexiam-se, inquietos, nos bancos. Um senhor, sentado na primeira fila, passou a procurar no bolso alguma coisa e achou: um talão de cheques. Arrancou do mesmo uma ficha de depósito e, quando o padre olhou na sua direção, exibiu o cartão amarelo. O oficiante, em vez de agastar-se com o gesto profano, sorriu, comunicando, para alívio geral, que ninguém perderia a partida dos brasileiros com os argentinos.

Teria Darwin - do macaco ao homo sapiens - definido o torcedor brasileiro? Sim, ele o fez nestas palavras: "As batidas do coração aceleram-se; o rosto fica avermelhado ou adquire uma palidez cadavérica; a respiração torna-se difícil; o peito infla; as narinas frementes dilatam-se. Muitas vezes, todo o corpo treme. Altera-se a voz; curam-se os dentes ou rilham uns contra os outros, e o sistema muscular excita-se geralmente para algum ato violento, quase frenético... Os gestos representam com certa perfeição o ato de golpear ou de lutar contra um inimigo." Bem, o cientista não descreveu nominalmente o torcedor brasileiro, mas o resultado foi o mesmo ao relatar os sintomas fisiológicos do furor - do homo sapiens ao macaco. O torcedor nacional é um furioso. Psicólogos indagam o motivo dessa excitação passional do futebol. Se fosse mera manifestação de agressividade, a multidão preferiria esportes bem mais violentos como o rúgbi, o pugilismo, o hóquei. Daí concluírem que o homem moderno está vidrado no futebol porque este é uma representação das numerosas dificuldades pelas quais temos de passar a fim de atingirmos um objetivo, a fim de marcarmos um gol.

O torcedor brasileiro é, antes de tudo, um fraco. Sofre exaustivamente os 90 minutos regulamentares e aproveita os 15 de intervalo para tomar um cordial e vituperar os erros táticos ou individuais que porventura estejam ocorrendo. Dividem-se em otimistas Agem como se falta de confiança conjurassem as forças ocultas que podem provocar a catástrofe.

Um caso típico: Gérson Sabino, morador de Belo Horizonte, possui possivelmente o mais vasto arquivo sobre o futebol brasileiro: nas prateleiras e na memória. Na Copa de 1966 ele chegou à Inglaterra, como sempre, sorrindo. Barbada, meu irmão Um discreto queria saber por que o Brasil ganharia a Copa.

Gérson Sabino pegou papel e lápis e demonstrou por a mais bê que o caneco já era nosso. Eliminado o Brasil, aquele discreto torcedor procurou o Gérson: Você me enganou ou se enganou? Respondeu o entendido: "Acontece apenas o seguinte: o otimista se engana tanto quanto o pessimista, mas nunca sofre por antecipação." Mas não É regra geral. Na atual Copa, o pessimismo deu a tônica. Nos bares e nos lares nunca os sintomas de Darwin se estamparam com tanta intensidade. Nunca tantos sofreram tanto por tão poucos gols.

Um francês afirma, num livro sensacionalista (*Le Massacre des Indiens*, Lucien Bodard), que a média dos colapsos fatais, só no Maracanã, é de dois torcedores por gol. Essa estatística cara de pau não vigoraria alarmantemente no sistema de Zagalo, que, j administrativa.

Mas, sem dúvida, por gol ou falta de, alguns óbitos foram registrados, poucos por enfarte.

Um dos fenômenos sociais da Copa de 1974 é o livre trânsito do palavrão. Os homens acompanhados de senhoras e senhoritas ficam indiferentes - de fato indiferentes, e não apenas disfarçados - quando o desconhecido ao lado solta o verbo. Quanto às próprias Monalissas, são elas mesmas que tomam a iniciativa e vão às do cabo, sem qualquer espanto dos presentes. Assim, o futebol, que já era o grande catalisador da alma nacional, não sofre mais a menor restrição social, funcionando como fator coletivo da catarse brasileira.

O anglo-brasileiro Charles Miller, levando duas bolas inglesas para São Paulo, no fim do século passado, não poderia imaginar que estava modificando ampla e profundamente o futuro de um povo. Como escreveu Alceu Amoroso Uma, o uísque britânico

transformou-se na mais genuína cachaça nacional. A história passional da torcida brasileira está vinculada à rivalidade entre cariocas e paulistas. O traço de união foi feito quando se descobriu o inimigo comum, o argentino ou o uruguaio. Foi em 1919 exatamente, quando se disputou no Rio o primeiro campeonato sul-americano no estádio do Fluminense Futebol Clube. O Brasil dera no Chile de 6 a 0; na Argentina de 3 a 1; empatou de 2 a 2 com o Uruguai. O desempate foi marcado para daí a três dias, com tantas prorrogações de meia hora quantas se fizessem necessárias. Findos os 90 minutos, 0 a 0. Primeira prorrogação, 0 a 0. Segunda prorrogação, 0 a 0. Os jogadores caindo pelas tabelas, as apinhadas arquibancadas da Rua Pinheiro Machado botando os ovos pioneiros do sofrimento nacional.

Com 153 (cento e cinquenta e três) minutos de disputa ardida, Friedenreich faz o gol da vitória. Nasceu também aí o carnaval comemorativo, carnaval mesmo, de acordo com os cronistas da época.

Também naquela tarde suada nasceu o ídolo, Fried em primeiro l e dançou-se em todo o Rio, contam os jornais antigos, improvisando-se uma cançoneta que exagerava a verdade histórica: "Nossos dianteiros fazem entrar/tiros certos de assombrar." Assombro houve, mas tiro certo só um.

A colorida raça nacional levaria a corrente pra frente em 1925, quando um time brasileiro, o Paulistano, cruzou pela primeira vez o Atlântico, fazendo a Europa curvar-se perante o país da sobremesa. Na volta, os craques foram glorificados nos portos do Recife, Salvador, Rio, Santos, antes da apoteose paulistana. No Rio, o circunspecto presidente Arthur Bernardes apertou as mãos de todos os heróis. O poder entrava em campo. A multidão de 6 mil pessoas, arrasadas da emoção paroxismada do futebol, conforme registrou João do Rio, virou 100 milhões em ação. O satélite dá aos nossos olhos um alcance de milhares de quilômetros; a emoção do futebol, experimentada pelos chineses há 2 mil anos, chegou à era eletrônica.

Até há poucos anos os europeus gostavam de gozar a paixão do torcedor sul-americano, sobretudo o brasileiro. Riam-se das nossas palhaçadas (tão demasiadamente humanas). Ironizavam nossos berros, nossa gesticulação cômica, nossas caras esgazeadas, nossas lágrimas, nossos carnavais de vitória, nossa palidez, nossos desmaios, nossos paroxismos frenéticos, nossos pugilismos campais

e até uma causa mortis que inventamos: o morrer de gol. Pois as coisas mudaram. Pouco a pouco o torcedor brasileiro vai transformando-se em modelo universal. A imprensa francesa - logo os comedidos franceses - já diagnosticou em Paris um novo tipo de demente: fou du football. Conta que a Copa do Mundo anda parando as ruas parisienses, aglutinando multidões diante de aparelhos de televisão colocados nas lojas. Durante quase um mês, o futebol foi a paixão dos cartesianos franceses. Driblaram o emprego, driblaram as mulheres, driblaram as preocupações. Sabiam os nomes dos reservas australianos e usavam a terminologia dos treinadores para explicar por que o 4-2-4 está superado ou discutir nostalgicamente as qualidades de Puskas e Schiaffino. O jornalista Renaud Vincent conta que um torcedor, naquele momento em que Rivelino fez um gol, teve sua atenção interrompida por uma observação trivial da sogra.~ o palavrão jorrou em torrentes.

Por aí temos uma amostra de que, embora a nossa Seleção não volte com o título, o tresloucado torcedor brasileiro saiu vitorioso: impôs sua imagem aos povos que eram tidos por ajuizados e frios. Ou melhor, acabou revelando ao europeu o torcedor desvairado que havia nele. O mundo fica nos devendo esse favor.

O tempo passa!

Devia ser uma espécie de bola militar, quando os chineses, há milhares de anos, introduziram qualquer coisa mais ou menos redonda nos exercícios de seus soldados.

Depois, em plena Piazza della Signoria, em Florença, disputava-se o cálculo, que ainda costuma ser comemorado com 27 jogadores de cada lado.

Os primeiros cronistas no Novo Mundo relatam as habilidades dos índios, no norte do Brasil e na América Central, e que pode ter erros e omissões: Antes de 1863 - Os ingleses jogavam bola furiosamente nas ruas, nos parques, nos pátios. Não havia regras, mas era proibido carregar a bola com as mãos. A revolução industrial favoreceu a popularização dessas violentas peladas. Um francês, depois de assistir disse que seria impossível imaginar o que eles chamavam de briga.

1863 - Cria-se a Football Association da Inglaterra. Surgem as regras, as leis, os estádios.

1871 - O primeiro jogo internacional reúne escoceses e ingleses.

1873 - Um jogo importante é antecipado para que os jogadores ingleses pudessem assistir às regatas.

1878 - Grande avanço tecnológico: usa-se pela primeira vez o apito.

1882 - O International Board estabelece regras mundiais. A bola lateral passa a ser devolvida, obrigatoriamente, com as duas mãos.

1883 - Travessões sólidos passam a ser usados no lugar de sarrafos frágeis.

1885 - Data-se aqui habitualmente o início do profissionalismo.

1888 - Foi quando os holandeses, provavelmente de tamanco; começaram a dar seus primeiros chutes.

1891 - Introdução das redes do gol, do pênalti e dos bandeirinhas.

1893 - A Argentina é o primeiro país, fora das ilhas britânicas, a disputar um campeonato nacional.

1894 - O brasileiro Charles Miller traz da Inglaterra para São Paulo duas bolas oficiais.

1895 - Uma taça é roubada da sede do Aston Villa.

1898 - O insulto entre jogadores passa a ser punido.

1899 - Determina-se o peso da bola para os jogos internacionais.

1900 - Decide-se que as decisões do juiz são decisivas.

1901 - Antecipando a fusão, o futebol carioca começa a existir em Niterói.

1902 - Vinte e cinco espectadores mortos em Glasgow durante um jogo entre escoceses e ingleses. João Ferreira funda um time no Rio.

1903 - Introduzida a lei da vantagem.

1904 - Fundada a FIFA.

1905 - O Fluminense é o primeiro campeão carioca.

1906 - O selecionado paulista perde para um time da África do Sul.

1908 - A seleção argentina vence quatro partidas no Rio e em São Paulo.

1909 - Os goleiros são obrigados a usar camisas de cores diferentes.

1910 - As partidas finais que acabam empatadas tem o tempo prorrogado.

1912 - O goleiro só pode usar as mãos dentro da área de pênalti.

1913 - Nos chutes livres, o adversário tem de permanecer 10 jardas além da bola.

1914 - Os jogadores ingleses formam um batalhão guerreiro.

1916 - É formada a Federação Sul-Americana de Futebol.

1923 - O primeiro campeonato brasileiro é vencido pelos paulistas.

1924 - O gol direto de córner passa a ser válido. É o ano em que o Uruguai ganha em Paris o título olímpico.

1930 - O Uruguai, em Montevideu, derrotando a Argentina (4 a 2), ganha a primeira Copa do Mundo. O Brasil perde na estreia para a Iugoslávia (2 a 1) e derrota a Bolívia (4 a 0).

1931 - Profissionalismo na Argentina.

1934 - Os italianos ganham em Roma a Copa do Mundo. Dividido entre profissionalismo e amadorismo, o Brasil é eliminado pela

Espanha.

1938 - A Itália ganha em Paris a Copa do Mundo. O Brasil fica em terceiro lugar.

1946 - O futebol de mulheres é rejeitado pela segunda vez. Criada a Taça Jules Rimet.

1949 - Dezoito jogadores do Torino morrem num desastre aéreo.

1950 - O Uruguai conquista no Maracanã a Copa do Mundo.

1952 - O Brasil ganha o primeiro Campeonato Pan-Americano.

1954 - A Alemanha ganha, na Suíça, a Copa do Mundo.

1958 - O Brasil vence a Copa do Mundo na Suécia.

1962 - O Brasil vence a Copa do Mundo no Chile.

1966 - A Inglaterra vence a Copa do Mundo em Londres.

1969 - Pelé marca o milésimo gol.

1970 - O Brasil vence a Copa do Mundo no México.

1974 - Mistério. Estou escrevendo poucas horas antes da partida do Brasil com o Zaire.

De duas coisas estamos certos: o brasileiro Jean-Marie Faustin Godefroi Havelange está na presidência da FIFA. Outra certeza: o futebol já foi retocado diversas vezes em suas regras e táticas; vencendo quem vencer esta Copa, a sensibilidade popular está como espetáculo das multidões.

E se não quiserem mexer nas regras, para salvar o futebol, há uma outra solução, embora utópica: acabarem para sempre com os técnicos. Sem técnicos, talvez a rapaziada conseguisse devolver ao futebol a pureza do brinquedo.

Bate-pronto

Ed Sá cita uma frase insuperável do anedotário futebolístico. Eu a sei de cor, mais longa, nestes termos do locutor: "Adentra o tapete verde o facultativo esmeraldino a fim de pensar a contusão do filho do Divino Mestre, mola propulsora do eleven periquito." Conta-se que um americano, depois de graduar-se em língua portuguesa na Universidade da Flórida, veio ao Brasil em viagem de aperfeiçoamento.

Para familiarizar-se com a linguagem coloquial, dedicou-se a ouvir transmissões esportivas e por acaso foi conte compêndios, até que um brasileiro lhe forneceu o seguinte glossário: tapete verde - campo; facultativo esmeraldino - médico do Palmeiras; filho do Divino Mestre - Ademir da Guia, filho do veterano Domingos da Guia; mola propulsora - jogador de meio de campo; eleven periquito - quadro do Palmeiras.

Descanso de futebol

Eu devia ou pelo menos merecia estar aposentado. Mas a ideia sombria da invalidez, e não do ócio com vivacidade, orientou os criadores do instituto de aposentadoria.

Deu-se que um dia, há uns três anos, vislumbrei de súbito que uma aposentadoria especial estava ao alcance de minha mão. Foi uma coisa drástica mas lúcida: exonerei-me do futebol. Descobri num relance que eu somava trinta e cinco anos de futebol e podia anos ainda não vi o futebol, é porque não tenho olhos para vê-lo. Sim, já vi o futebol. Já vi, vivi, sofri e morri o futebol. Valeu muitíssimo a pena e o prazer, mas não tinha mais sentido me perder no tráfego de sábado e domingo a fim de presenciar do alto da arquibancada um espetáculo lá visto e revisto.

Velhos irmãos de opa, sobretudo os de opa alvinegra, ficam irritados com esse meu raciocínio, que consideram um desvio do entendimento, e com essa retirada, na qual farejam uma apostasia. Pois vou aguentando as broncas todas, folheando ainda as páginas e mas decidido a só comparecer ao estádio em caso de compulsão emotiva.

Já vi o futebol. Hoje prefiro e só me cabe rever as fitas da lembrança, onde se gravam os grandes lances do meu aturado exercício de espectador.

Não me cansei do futebol, retirei-me dele, insisto, para preservar meu patrimônio de memórias, sem o desgaste um milagre maior. Já testemunhei os milagres todos que podiam acontecer em campo. Vi nessa longa temporada lances magistras que possivelmente não se repetirão nos dias de minha vida. Conheço bem a experiência calorosa de sentir-me uno e soldado à alma da multidão, como conheço o sentimento dramático e animador de estar em confronto com a maioria ululante.

Sei que as possibilidades de uma partida qualquer são infinitas; mas não quero disputar mais; não quero mais exercer o pileque dionisíaco da vitória e nem a ressaca autopunitiva da derrota. Na idade magoada em que me encontro, torcer como se deve torcer, com o desvario da alma toda, seria um despudor! Um instinto me aponta o caminho da contemplação e outro instinto me insinua que, em matéria de contemplação futebolística, minhas chances de novidade e plenitude são mínimas.

O futebol já me viu. O futebol jogou-me como quis. O que colhi no campo dá perfeitamente para eu viver mais dez ou vinte anos. No meu celeiro de craques há vividas memórias de Leônidas, Zezé Procópio, Romeu, Zizinho, Didi, Nilton Santos, Pelé, Sastre, Pu por ter demonstrado que a mágica pode ganhar da lógica. Vi maviosos conjuntos, sinfonicamente arranjados, e vi o jam-session das improvisações talentosas. Vi craques nascentes como quem acha um novo amor ou dinheiro perdido. Vivi até onde pude minhas tardes olímpicas e minhas noites de dança ritual ao pé do fogo. Retiro-me com a sensação saciada de que cumpri o dever para com a tribo e não driblei o meu destino.

Meu destino era amar o futebol. Amei-o. Desde criancinha, quando espiava da lonjura da janela a bola que dançava no capim do clube aldeão. Até hoje, não é o perfume de aubépine ou de qualquer outra planta altiva que me proustianiza; é o aroma rasteiro da espacia.

Acidente em Belô

O caso do Atlético Mineiro, que teve o jogador Campos (nenhum parentesco) suspenso por uso de estimulante, apresenta, segundo um bom informante meu, os seguintes dados principais: a CBD recomenda que os exames do gênero se façam em faculdades de ciências mas este teve o cuidado de esclarecer no laudo que a análise revelou a presença de um sinal ocorrente tanto em estimulantes proibidos como em certos analgésicos comuns (o radical químico é o mesmo); Campos havia extraído dois dentes; a grande negligência foi o clube ter declarado que o atleta não tomara qualquer medicamento.

Até aí a confusão é normal. Mas o melhor (ou pior) da novela é o meu capítulo: um médico atleticano, muito conhecido aliás, procurou outro dia o doutor Murad, professor de bioquímica, proclamando, excitado, que descobrira a raiz do erro. Simplesmente ist dia do jogo! Como o professor não atinasse com o raciocínio, veio do colega esta tremenda explicação: o nome da beterraba é Beta vulgaris! E a efedrina é um alcaloide extraído da Ephedra vulgaris - para espanto do médico, o farmacologista continuava na mesma. Então o herói explodiu: "Todos os dois são vulgaris, a beterraba e a efedrina. O radical é o mesmo, mestre!" - O mestre serviu para dissuadir o facultativo a não revelar essa descoberta científica para mais ninguém.

Pok-Tai-Pok

No México, na abertura dos jogos, os sacerdotes carregavam a imagem do deus da bola de borracha, convictos de que ganhar ou perder o jogo era a felicidade ou a desgraça. Estamos falando do México pré-colombiano.

O jogo da bola possuía significação cósmica: o campo simbolizava o céu noturno, a partida representava o antagonismo entre a luz e a treva, a vitória ou a derrota do sol. Os jogadores, segundo o capitão Gonzalo Oviedo, eram dez, ou mais, de cada lado. É a bola indígena, muito mais viva do que a bola cristã, feita de bexiga inflada. O gol era um anel de pedra entalhada.

A existência de firulas antes de Colombo exige o crédito da transcrição literal: "Os índios não jogam a bola com a mão ou com o punho; recebem a bola no ombro, cotovelo, cabeça, pé e muita vez nos quadris, e a devolvem com muita graça e agilidade." No México, o futebol pré-colombiano chamava-se tlachtli; batey, entre os aruaques das Grandes Antilhas; e os maias deram-lhe um nome comunicativo, já sugerindo o association, o passe de primeira, a tabelinha: pok-tai-pok.

O jogo da bola parece ser também antiquíssimo no Pará e no Amazonas.

Quem me dá essa ciência toda é Cássio Fonseca, homem de cultura elástica (vale o duplo sentido).

O dia em que me fizerem técnico do Botafogo, darei uma só instrução aos jogadores: "Futebol, meus amigos, é simplesmente pok-tai-pok."

Pelé passa para Pepe

Talvez por influência do Cozzi, nossos locutores esportivos têm uma inclinação fantástica por uma consoante que os gramáticos chamam de bilabial explosiva surda: o P. Com o P, justiça se lhes faça, conseguem efeitos onomatopaicos em catadupa aliterações impressionantes. O realismo da partida é prejudicado em nome da dramaticidade oral, mas que importa o realismo? É formidável: "A pelota é passada de Pelé para Pepe que apara o passe com perfeição na ponta do pé; Pepe de posse da pelota; vai progredindo Pepe; passa pelo primeiro; para; passa para Pelé, que passa de novo para Pepe de primeira; perfeito, perfeito, o passe de primeira de Pelé para Pepe; aprofunda-se Pepe; despreocupadamente; como se passeasse pelo campo do Pacaembu; parada, parada, inexplicavelmente parada a equipe do Palmeiras; a equipe do Palmeiras em peso parada; Pepe para Pelé; Pelé passa a pelota de um pé a outro pé; o Pacaembu em pé para aplaudir o espetáculo proporcionado por Pelé; vai Pelé de posse da pelota; para Pepe; Pepe para; para Pelé; Pelé passa de passagem por Píndaro; para Pepe; Pepe para Pelé em profundidade; penetra Pelé; prossegue penetrando Pelé; prepara, aponta, pimba! E a pelota passa como um petardo pelo poste do Palmeiras! Esperdiça Pelé uma impressionante oportunidade de apontar o primeiro gol da partida! Eu peço ali uma palavra do Pachequinho para explicar o que se passou com Pelé..."

Atletas

Uma revista americana descreve a vida "profissional" de Parry O'Brien, campeão olímpico de lançamento de peso. Aspeio a palavra porque os participantes dos jogos olímpicos são amadores, como costumam ser, dentro dos maiores rigores do ofício, os poetas. crentes, devotos, mentalidades de certo modo místicas, dentro de esplêndidas guarnições físicas.

Um homem como Parry O'Brien tem mais vida interior do que muito artista, apenas a sua vivência não se dispersa nos adejamentos incessantes do espírito, mas concentra-se em uma aspiração obstinada. De todas as modalidades de atletismo, a mais bela, a mais solitária, a mais cruel, é o salto em altura. Elevar-se do chão, lutar contra o monótono e melancólico peso do corpo, eliminar a gravidade desse corpo até o limite máximo do possível, é a meu ver, ser o salto em altura o adestramento básico de todos os esportes. A carne é pesada, triste, medonhamente agarrada ao solo, resignando-se às leis da terra. Assim, o salto, imaterial, é um exercício do espírito. Só uma ansiedade indomável de pureza pode permitir que uma criatura terrena se eleve mais de dois metros no ar, para transpor o obstáculo acima de sua cabeça, acima de sua compreensão. Segue-se a queda, o retorno à terra; não importa, ele tentou o impossível, e o conseguiu. Por um momento, desde o instante em que se concentrou para o salto, a besta adormeceu, e um anjo se apossou de seu corpo. É o anjo que sobe ao ar e ultrapassa o sarrafo; o homem desce de novo à terra.

Todas as formas de atletismo são alegóricas, e por isso permanecem.

O salto em altura confia-nos com uma clareza elementar o seu significado.

Aos lançadores de peso chamam, nos Estados Unidos, baleia. Parry O'Brien, combinando o que chama atitude mental com aptidão

física, tornou-se a maior baleia do mundo. Antes de obter a vitória, dedicou ao lançamento de peso as vinte e quatro horas de todos os seus dias.

Estudou ciências físicas, praticou infatigavelmente, usou um aparelho de gravação, pelo qual a sua voz (a voz da consciência, a voz interior, o grilo falante) o exortava com impiedade a um esforço sempre maior.

Aprendeu a cavar fundo no que se pode chamar uma reserva interior de força, logrando lançar a esfera de aço a uma distância de 63 pés e duas polegadas.

E daí? E daí dizia também o fantasma de Platão à alma conturbada do poeta Yeats. Mas a questão pirrônica não procede. O'Brien tinha para consigo mesmo um dever a cumprir, e o cumpriu. Os motivos que o levaram a desfazer-se desse peso, a lançá-lo para longe, com gestos perfeitos e harmoniosos a serviço de uma revolta fundamental, inseparável do ser humano, os motivos são os mesmos das demais ações acima do comum. Todos os feitos atléticos, como todos os feitos do espírito, nascem da grande humilhação terrestre. Todo homem deve libertar-se; todo homem deve realizar um grande gesto; todo homem deve conhecer a profundidade e a amargura de seu limite.

Não há nenhuma linha espiritual na fotografia do rosto do atleta Parry O'Brien; seu próprio pai disse dele que "tem mais determinação do que quatro mulas". Eu, pobre de determinação, fraco de vontade, só admiro aqueles que a possuem. Mas como todo mundo, só continuo existindo porque ainda acredito na minha reserva interior de força.

Clichês de futebol

Impedimento: muito bem marcado; clamoroso; indiscutível.

Zagueiro: valente.

Tarde: agradável; excelente para a prática do esporte bretão; de um calor senegalesco.

Surtiria: rififi; pensávamos que estas cenas lamentáveis de há muito estivessem banidas de um futebol como o nosso.

Maracanã: o colosso de; o maior estádio do mundo.

Minutos finais do jogo: apagar das luzes.

Bola: pelota, esfera, couro, balão, redonda (bola, nunca).

Juiz: Sua Senhoria; árbitro.

Primeiro tempo: etapa inicial; primeira fase.

Segundo tempo: etapa complementar, etapa derradeira.

Zagueiro central: costuma atuar com uma virilidade um pouco excessiva Um a zero: diferença mínima.

Pênalti: o juiz, muito bem colocado, pune com a penalidade máxima; o juiz parece não ter sido muito feliz ao assinalar a falta máxima.

Marca do pênalti: marca fatal.

Nacionalidade: húngaros, magiares; franceses, gauleses; italianos, peninsulares; portugueses, lusos; espanhóis, ibéricos; argentinos, platinos; uruguaiois, orientais; paraguaiois, guaranis; mexicanos, astecas; peruanos, incas; alemães, germânicos; austríacos, os rapazes do país das valsas.

Ataque: arma-se impotente; apático; insinuante; infeliz nos arremates.

Defesa: muito bem plantada; impotente para conter a força do adversário; anula qualquer tentativa de infiltração; envolvida pela malícia dos avantes contrários.

Bandeirinha: auxiliar do árbitro; juiz de linha; coadjuva Sua Senhoria.

Escore: um time lidera o marcador; os dois times igualados no marcador; um quadro inferiorizado no marcador; marcador em branco.

Falta: duvidosa; insofismável.

Jogador machucado: contundido; ressentido a contusão.

Garrincha: o garoto diabólico das pernas tortas; reedita (ou não reedita) as suas empolgantes atuações na Jules Rimet de 58.

Goleiro: uma tranquilidade para a retaguarda.

Pelé: sabe tudo sobre futebol este menino.

Nilton Santos: domina por completo o costado esquerdo da cancha.

Marcação: segura; implacável.

Bola em passe longo: viaja.

Bola quicando: pererequeia.

Gilete: você também pode ser um campeão, fazendo a barba todo dia...

Time que está vencendo: sensivelmente com maior volume de jogo.

Time que está perdendo: incapaz de deter os avanços contrários.

Time que está fazendo força: aperta o cerco.

Time que praticamente já ganhou a partida: acomodado no marcador.

Alô, fulano: é isto mesmo: Quarentinha desfechou uma bomba inapelável de fora da área e o arqueiro não pôde esboçar o menor gesto de defesa.

Lado à direita da tribuna de honra do Maracanã: lado do gol de Gighia.

São Paulo: Pauliceia.

Minas Gerais: Alterosas.

Jogo: partida, match, disputa, peleja, prélio, embate, encontro, desfile de emoções, cotejo, contenda, luta, batalha, duelo.

Vasco: lusos, os de São Januário, cruz-maltinos, o quadro da Cruz de Malta, o poderoso esquadrão vascaíno.

Treino: apronto, coletivo, exercício.

Antes do jogo: reina grande expectativa.

Ângulo superior da baliza: última gaveta.

Certame: desenrola-se.

Letra P: impulsionada por potente pelotão do impetuoso ponteiro da Portuguesa, a pelota passa por perto da parte superior do

poste protegido por Parposa.

Frango: falha clamorosa do arqueiro.

Locais: apresentam maior domínio do terreno.

Visitantes: ainda não se firmaram; estudam o terreno.

Gol de pênalti: converte-se.

Jogo bom: exibição primorosa.

Rebater: aliviar.

Tomar a bola: conjurar a situação.

Tomar a bola perto da área: conjurar o perigo.

Resultado final: espelha (ou não espelha) com justiça o que foi o desenrolar da contenda em seus noventa minutos corridos.

Goleiro de defesa muito forte: assistente privilegiado do prélio.

Marcar gol bonito: finalizar magistralmente.

Empate: não ir além de um pálido.

Jogador ruim, mas esforçado: trabalhador incansável.

Futebol: tem dessas coisas; não tem lógica; caixa de surpresas.

Anular gol do Brasil: sob o pretexto de um impedimento absolutamente inexistente.

Escrete brasileiro: os rapazes que deslumbraram o mundo desportivo na inesquecível jornada de Solna.

Crônica estrangeira: sem adjetivos para qualificar a arte incomparável dos canarinhos.

Nostalgia

O futebol de hoje tem certa monotonia de repartição pública. Os jogadores assinam o ponto, cumprem o regulamento, respeitam o Sr.

Diretor, desempenham suas obrigações elementares durante noventa minutos de expediente.

O chefe dos jogadores, como em geral chefe de repartição, fica de fora do expediente; é o técnico, o super-homem, o arquientendedor! Prepara o serviço com antecedência e dá entrevistas misteriosas. Os onze funcionários nada mais devem fazer do que executar a tarefa confiada. O pavor do jogador comum é não desagradar o técnico, e o pavor do técnico é não desagradar o craque. Uma faltazinha, e é a demissão, o demérito no boletim, é não ser incluído no próximo jogo.

Mas quem joga mesmo agora é o técnico! Este, com a nova escola, goza uma vantagem: arrola em sua folha corrida as vitórias e põe nos jogadores, seus funcionários, a culpa das derrotas.

Às vezes, acontece o seguinte: o primeiro tempo é chato, o segundo tempo melhora. Por quê? Porque o primeiro tempo, invariavelmente, é jogado pelos dois técnicos dos dois times, os jogadores entram em campo para redigir os ofícios, lavrar as ordens de serviço, expedir memorandos e circulares. Como essa burocracia frequentemente dá errado para todos os dois lados, além de aborrecer o público, os dois técnicos, no segundo tempo, concedem um pouco mais de liberdade aos 22 homens em campo. Ai, a coisa melhora. Ai, existe realmente um pouco de futebol à maneira antiga, isto é, futebol invenção e amor... Aliás, cheio de amor, pois é o amor que inventa tudo...

Poesia é necessária, mas foi frango

A bola, rápida, cai Passando Por entre os braços erguidos Do garboso jogador.

Palmas, delírio - grandeza! Alguém atira uma rosa Para os "onze" vencedores, E ao longe o sol agoniza - Numa boêmia de cores.

(Antônio Botto)

Coriscos

O pugilista dá socos à procura de paz.

Filosofia de vida.

De um improvisado beque, em uma fazenda, quando o improvisado técnico (o engenheiro Juca Chaves) reclamou de sua apatia em campo: "Ah, doutor, percurar a bola isso eu não faço não; mas se a bicha passar por aqui, ela leva!"

De João do Rio, em 1916: "Há de fato uma coisa séria para o carioca - o futebol! Tenho assistido a meetings colossais em diversos países, mergulhei no povo de diversos países, nessas grandes festas de saúde, de força e ar. Mas absolutamente nunca eu vi o fogo, o entusiasmo, a embriaguez da multidão assim. Só pensando antigas leituras, só recordando o Coliseu de Roma e o Hipódromo de Bizâncio."

De um velho treinador de praia: "Jogador é como sorvete: tem de diversas qualidades."

FIM